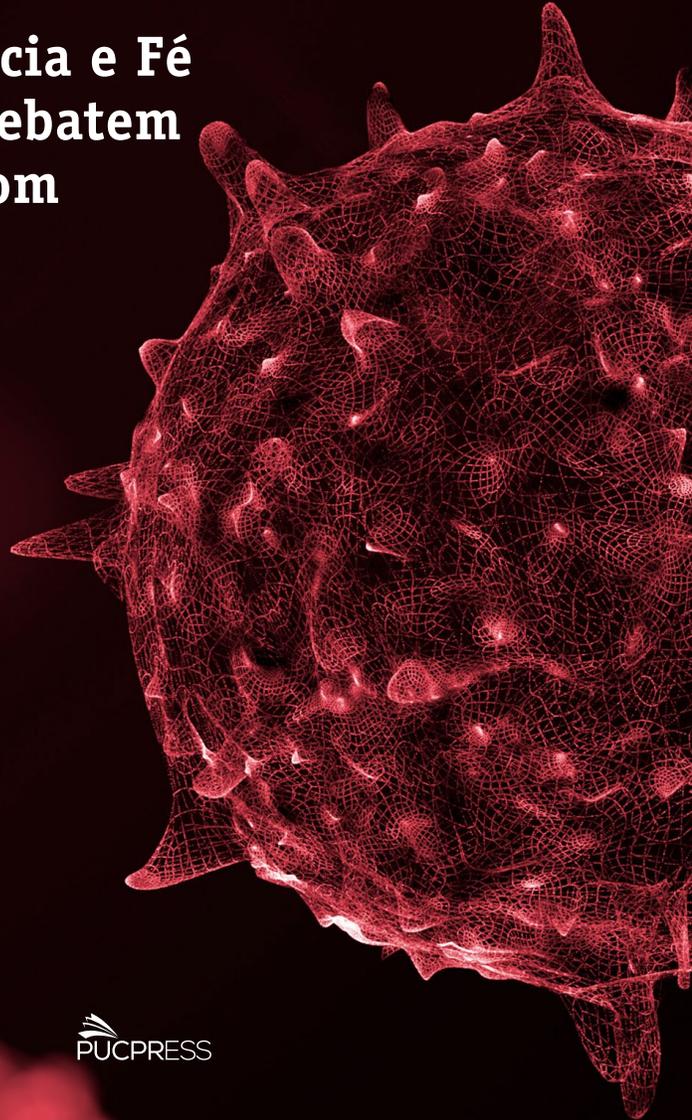


Pensar o (im)pensável

Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com
Tomáš Halík

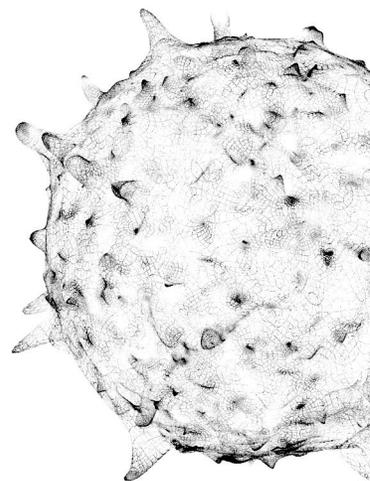


Pensar o (im)pensável

Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com
Tomáš Halík

Sob curadoria de
Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido
José André de Azevedo

Tradução de
Carmen Terezinha Koppe



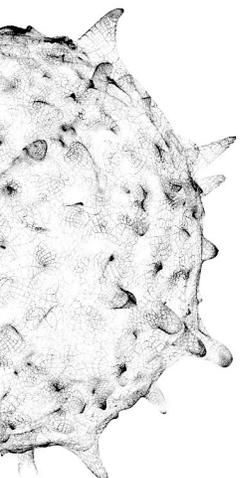
Instituto
Ciência e
Fé PUCPR



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo



Tomáš Halík, professor de sociologia e filosofia da religião na Universidade Charles, em Praga, República Tcheca; Presidente da Academia Cristã Tcheca; laureado, em 2014, com o *Templeton Prize*.

Pensar o (im)pensável: Instituto Ciência e Fé e PUCPRESS debatem a pandemia é uma série de entrevistas que serão realizadas a partir de diferentes perspectivas do saber sobre os impactos da pandemia. A seleção e a organização do conteúdo estão sob curadoria de Fabiano Incerti e Douglas Borges Candido, do Instituto Ciência e Fé PUCPR, e a edição pela equipe da PUCPRESS. Tradução: Carmen Terezinha Koppe. Revisão de texto: Paula Lorena Silva Melo. Projeto gráfico e diagramação: Rafael Matta Carnasciali.

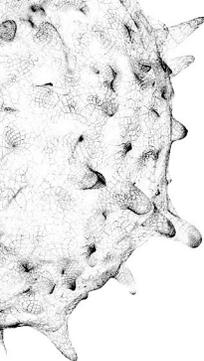
Maio/2020

Como o senhor vê o fenômeno, ou a presença, da fé e da esperança em tempos de pandemia?

Alguns pregadores do deus mau e vingativo sempre tentaram interpretar desastres e pandemias naturais como punição de Deus. O deus que eles inventaram era apenas uma mão estendida de sua própria raiva e vingança — para servi-los a assombrar aqueles que odiavam e punir o que condenavam. Felizmente, esse deus não existe. Encontro Deus no amor, fé e esperança daqueles que agora ajudam nos lugares mais vulneráveis, arriscando sua própria vida, saúde e força. Há algo incondicional em seu amor solidário — é para onde Deus está indo, onde Deus “acontece”.

O teólogo ortodoxo Paul Evdokimov, em seu trabalho *O Silêncio Amoroso de Deus (The loving silence of God)*, diz que “a única mensagem que pode tocar o ateu atual é aquela de Cristo descendo ao inferno. Independentemente das profundezas do inferno, nas quais os homens já descobriram e se encontraram, Cristo pode ser encontrado esperando ainda mais fundo. O que Ele pede ao homem não é virtude, moralismo, obediência cega, mas um voto de confiança e amor das profundezas de seu inferno. O homem nunca deve cair em desespero; ele pode cair apenas em Deus e é Deus que nunca se desespera”. Os cristãos celebraram a Páscoa recentemente, em meio a um caos pandêmico. Na sua opinião como teólogo e homem de fé, essa Páscoa foi diferente das demais devido ao fato de termos descido, existencialmente, para o “inferno”?

Deixe-me citar meu sermão da Sexta-Feira Santa: No relato de dois de quatro evangelistas, a vida de Jesus neste mundo termina com um grito: “Deus, por que você me abandonou?”. Como comentário a essa frase, também podemos entender a afirmação da confissão apostólica de fé: *Ele desceu ao inferno*. Primeiro, Ele desceu aos círculos do inferno criados pelas pessoas na terra — frequentemente por aqueles que prometeram às pessoas o céu na terra. Ele desceu ao inferno da crueldade humana. No clamor de Jesus, ouço Sua solidariedade com o sofrimento de todas as vítimas de violência e injustiça de todas as idades, até o nosso tempo. Ali, também percebo a dor daqueles cujas fé e esperança estão sendo crucificadas no momento do sofrimento. Lá, ouço o lamento daqueles para quem um vírus minúsculo e invisível preparou uma morte dolorosa e solitária e a dor de seus entes queridos.

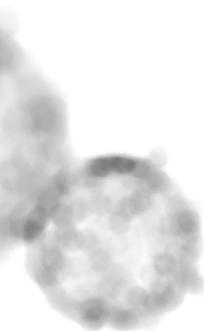


“Lá, ouço o lamento daqueles para quem um vírus minúsculo e invisível preparou uma morte dolorosa e solitária e a dor de seus entes queridos. [...] Sim, Jesus desceu a um círculo ainda mais profundo do inferno, um inferno de separação de Deus, o silêncio de Deus na hora da privação. [...] O grande escritor católico Chesterton recomendou Cristo como o ‘Deus dos ateus’: se os ateus fossem escolher sua religião, deveriam escolher o Cristianismo, porque *nele em um momento Deus parecia ser um ateu*. Sua fé foi ‘crucificada’ e trespassada pela experiência da infinita distância de Deus. ‘Meu Deus, por que você me abandonou?’. Na primeira impressão, o choro de Jesus parece ser uma expressão de desespero. Jesus, no entanto, profere essa experiência suprema na forma de uma **pergunta**, ‘*Por que você me abandonou?*’. Ele não deixa de perguntar, *não interrompe o diálogo* com o Pai, mesmo neste momento, quando a agonia não pode mais, do ponto de vista humano, qualquer resposta. Se Jesus, embora se sinta totalmente abandonado por Deus, *ainda* está clamando sua *pergunta* para as trevas, esse momento da cruz (e a cruz de sua fé, se assim podemos dizer) revela algo essencial sobre o caráter de um *Cristão* de fé verdadeiro (não ‘geralmente religioso’): a fé autêntica dos discípulos de Jesus tem o caráter de ‘e ainda’, ‘apesar’; é uma fé ferida, trespassada, mas *ainda fazendo perguntas* e buscando, crucificada e ressuscitada (portanto verdadeiramente a Páscoa).”

É a minha resposta para a sua pergunta: de fato, essa Páscoa foi para muitos uma verdadeira Páscoa Cristã.

Aprendemos com a Antropologia que o sentimento religioso e sua criação nasceram em face de encontrar a finidade humana, especificamente, em face da morte. Poderia também a pandemia do Covid-19 nos dar uma consciência religiosa?

Os sentimentos religiosos nascem principalmente de gratidão, gratidão pela vida e por toda a criação. Quando experimentamos a fragilidade de nosso mundo e a não evidência do presente da vida, podemos sentir ainda mais profundamente nossa gratidão.



No seu trabalho *Paciência com Deus*, você diz: “[...] a lógica de Deus é diferente da lógica humana, e as pessoas precisam experimentá-la como um paradoxo”. Seria possível ler este momento com uma perspectiva teológica e afirmar que estamos inseridos em um paradoxo?

Com certeza. Como o cérebro do cachorro é incapaz de entender as tarefas matemáticas, o cérebro humano é incapaz de entender o significado do mal e do sofrimento. A fé não nos dá respostas para todas as nossas perguntas, mas nos ensina a viver com os mistérios e paradoxos da vida.

Em 27 de março de 2020, a bênção de Urbi et Orbi do Papa Francisco tornou-se um ícone neste momento em que vivemos. Um “Papa do fim do mundo” — como ele se apresentou em sua eleição — retomando dois mil anos do caminho cristão com passos solitários. Sobre seu rosto abatido e preocupado e o silêncio, o peso da humanidade que, segundo sua homilia, pensava ser saudável em um mundo doente, o Papa Francisco fala com suas palavras e com gestos. Como você interpreta o gesto de bênção do bispo romano?

O Papa Francisco é a mais alta autoridade moral do mundo, um presente maravilhoso da América Latina para toda a humanidade. Infelizmente, seu pedido de uma reforma radical da Igreja no espírito do Evangelho encontra resistência em certos grupos de católicos. No momento, o retro-catolicismo está ressurgindo, o catolicismo sem o cristianismo, com muitos elementos mágicos.

O Papa Francisco precisa urgentemente do apoio dos teólogos para pensar mais e mais sobre suas visões e intuições. Há muito que me interesso por sua visão da Igreja como um “hospital de campanha”. Penso, dou palestras e escrevo sobre o papel diagnóstico, terapêutico, preventivo e de reabilitação da Igreja no mundo doente. Estamos enfrentando não apenas uma pandemia de coronavírus, mas também infecções perigosas do populismo, nacionalismo e fundamentalismo religioso. Precisamos do que faz parte da espiritualidade jesuíta — a arte do discernimento espiritual.



Alguns pensadores alegam que a situação atual da humanidade parece ser um momento do pós-guerra. Além disso, gostaria de evocar maio de 2006, quando o Papa Bento XVI visitou o Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau e lá fez um discurso muito profundo, questionando-se como teólogo e homem de fé: “Muitas perguntas aparecem neste lugar! A pergunta que sempre se destaca: onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele se calou?”. Bem, levando em consideração essas duas declarações, podemos questionar “Onde está Deus diante do Covid-19”? Será necessário reformar nossa linguagem teológica e religiosa pós-Covid-19?

Só posso repetir: Deus estava apaixonado por quem ajudou o sofrimento. Jesus imprimiu o selo do seu rosto no véu de compaixão de Veronica. Cristo estava e está no menor, sofredor, doente, na cruz.

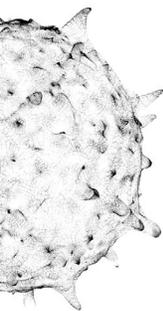
Os padres e pastores que estavam nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial e nas prisões da Segunda Guerra Mundial — Teilhard, Tillich, Bonhoeffer, para citar apenas alguns — trouxeram uma nova perspectiva e uma nova linguagem para a teologia. O mesmo deve acontecer após este teste global de esperança.

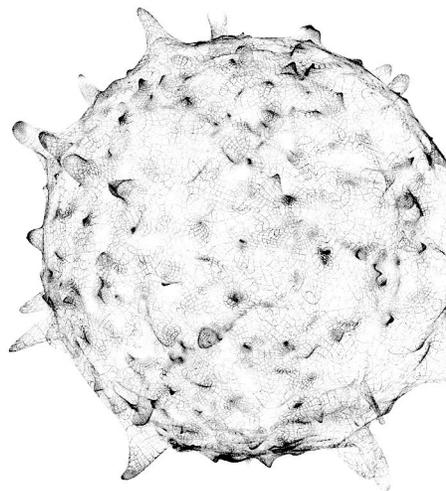
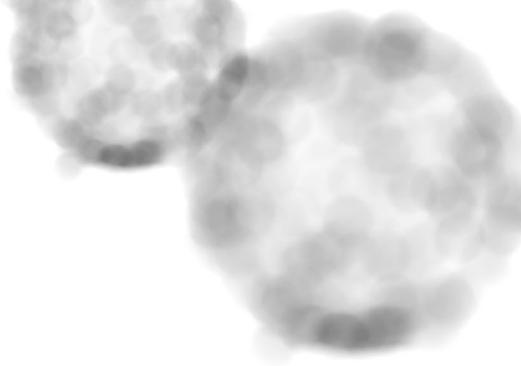
Por fim, que sociedade podemos esperar pós-Covid-19?

As consequências sociais transformarão o cenário político internacional, as relações entre estados e as elites de poder das sociedades individuais: algumas serão varridas, outras serão levadas ao poder. A humanidade será mais pobre em escala global, com muitos países e muitos grupos sociais passando da prosperidade para a pobreza e da pobreza para a miséria.

Estou escrevendo estas linhas em um momento em que a epidemia global provavelmente culminará, mas ninguém sabe ao certo qual será seu desenvolvimento futuro. Depende muito da resposta moral à continuação desta crise, de quanto se sustentam manifestações de solidariedade e compromisso heroico, e de por quanto tempo o estresse e o medo provocarão inquietação psicológica e social, agressão e violência. A vida espiritual da sociedade não é somente uma “superestrutura” da economia, como alegavam os Marxistas; é também um contexto importante e “biosfera” de mudança e precisa ser tratado.

Mas tudo ainda está aberto no momento e nada é certo. Por favor, me dê um tempo para observar, estudar, contemplar, pensar e rezar.





**Instituto
Ciência e
Fé PUCPR**



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo